

Hélio Rosa Baldy *

**MONSENHOR LUIZ CASTANHO
DE ALMEIDA E SOROCABA * ***

* Diretor e Professor da Faculdade de Direito de Sorocaba e Sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

** Palestra proferida na abertura da Semana "Alfúcio de Almeida", dia 1º de novembro de 1992, numa promoção conjunta da SEC da PMS e Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

ABSTRACT

The author remembers some aspects of Monsignore Luiz Castanho de Almeida, priest and historian, through quotations from local authors and from his own memories. He concludes emphasizing three characteristics of Father Castanho's personality : he was simple, humble and wise.

RESUMO

O autor relembra algumas passagens da vida do Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, sacerdote e historiador, através de citações de autores sorocabanos e de seus próprios depoimentos. Conclui enfatizando três características da personalidade do Padre Castanho : ele era simples, humilde e sábio.

Dizia Silvio Romero : “Os povos têm dois jazigos de relíquias, um no espaço : o cemitério; outro no tempo, a tradição. O espaço é precário e tudo que tem nele assento perece; o tempo é perene e eterniza o que recolhe. Deixemos a terra no seu trabalho de transformação contínua devolvendo-nos em seiva os corpos que lhe confiamos; busquemos no tempo a herança das almas.”

Honra-me o Prof. Adilson Cezar, DD. Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, com a designação para proferir a palestra de abertura da *SEMANA ALUÍSIO DE ALMEIDA*. Mas, se é desvanecedor o convite, também é árdua a missão, pois que o tema proposto já foi por outros tratado com alta proficiência. Lembraria, então, o cuidadoso estudo biográfico que fez o Dr. Otto Wey Neto quando, vereador, apresentara o projeto de concessão do título de *Cidadão Sorocabano* ao Padre Castanho. E com muita felicidade, em discurso na sessão solene de outorga, aos sete dias de março de mil novecentos e cinquenta e quatro, ressaltou :

“Sorocaba, por sua Câmara Municipal, entrega-lhe hoje simplesmente um diploma, mas o seu coração já lhe foi entregue há muito tempo.”

Dele falou Dom José Melhado Campos na sessão extraordinária da Academia Sorocabana de Letras, realizado em 26 de março de 1981, quando também participaram os renomados historiadores José Aleixo Irmão, Rogich Vieira e Mário Matos. Dizia, então, Dom Melhado :

“Ó feliz enfermidade que jungindo-o à sua mesa de trabalho, à sua cadeira de balanço, à sua improvisada cadeira de rodas, permitiu-lhe sobrasse tempo e paciência para manusear, para consultar, para auscultar a linguagem distante dos alfarrábios e as respostas seguras e prontas de sua memória privilegiada.”

Da maneira afável com que a todos recebia e a todos ensinava, conta-nos Vera Ravagnani Job, no seu precioso discurso de posse na mesma Academia, proferido em 5 de dezembro de 1981, ao ocupar a cadeira 33 em homenagem ao seu patrono :

“Conversávamos muito sobre tudo – até sobre História. Quando nos despedíamos e marcávamos nova visita, sempre nos dizia : “Prefiro que não diga quando vai voltar; se não chegar na hora, ficarei muito ansioso ... e em qualquer momento em que chegue, sempre ficarei feliz.”

Dispensando-me de outras menções, que tantos homenagearam o nosso Aluísio de Almeida, para não pecar por omissão, valendo, entretanto, destacar o editorial do *“Cruzeiro do Sul”*, na ocasião de sua morte, por se tratar de uma página de alto valor literário e acentuado conteúdo emocional :

“Partiste discretamente, em silêncio, quase como quem pede desculpas por ter de ausentar-se. E agora, que aqui não mais estás, o que nos admira é como tu, cidadão de um reino que não é deste mundo, foste autorizado a conviver conosco ao longo de tantas décadas, a nos edificar pela virtude e a nos empolgar pelo saber, a nos entusiasmar pela inteligência e a nos ensinar pela modéstia.”

Assim, quando me toca a vez, direi que será pequena a minha contribuição, mas irei dá-la pelo muito que o conheci.

Sim, eu o conheci : era simples, era humilde e era sábio.

Recordo-me, com encantamento, de uma das muitas visitas que lhe fiz, à procura de seus ensinamentos. Coubera-me a missão de representar Sorocaba nas festividades de 5 de novembro de 1953, quando a cidade de Itapetininga iria prestar suas homenagens à memória de Fernando Prestes e Júlio Prestes, perpetuando no bronze em praça pública as figuras de seus ilustres filhos. Para preparar o discurso, fui ao Padre Castanho. E falou-me do Coronel Fernando Prestes. Disse-me de sua ascendência sorocabana, da estirpe heróica dos Antunes Maciel; falou dos Prestes e Albuquerque, tropeiros que de Sorocaba demandaram as coxilhas do sul; contou-me das agruras de Sorocaba acometida pela febre amarela nos anos de 1897 e 1900. Foi quando o Coronel Fernando Prestes, Presidente em exercício do Estado de São Paulo, através da competência de Teodoro Sampaio, cuidou da salvação da já despovoada Sorocaba, dotando-a da rede de águas e esgotos. Por isso, acrescentou, em nossa praça principal, lar onde se acolhem os visitantes, tribuna onde delibera o povo, rosário onde se fazem as honras da cidade, depara-se com o nome : *Praça Coronel Fernando Prestes*.

Do filho Julio Prestes de Albuquerque, relatou o Padre Castanho que, exercendo a Presidência do Estado, lançou em 1928 as sementes da atividade supletiva municipal no desenvolvimento do ensino secundário, até então limitado às primeiras letras, propiciando a

criação, na administração do Prefeito João Machado de Araujo, do Ginásio Municipal e Escola Normal Livre de Sorocaba. Daí lhe perpetuarem o nome que ainda hoje se proclama : *Instituto de Educação Dr. Julio Prestes de Albuquerque*. Em 7 de junho de 1929, acrescentou, o mesmo Presidente Julio Prestes instala a Escola Industrial de Sorocaba. E foi para agradecer ao filho que se deu o nome do pai ao novo estabelecimento : *Escola Industrial Coronel Fernando Prestes*.

Tudo isso o Padre Castanho me contou, sem qualquer consulta a apontamentos, com aquela memória prodigiosa que o identificava com a história de nossa gente. Ao lhe agradecer tantos subsídios para o meu trabalho, ele, mostrando o quanto mais sabia das coisas, respondeu-me sorrindo :

“Fico muito feliz com isso. Saiba que o seu avô, o Coronel João Rosa, líder político na Velha República, foi sempre um adversário de Julio Prestes, assegurando, enquanto viveu, a predominância do Senador Vergueiro nas eleições regionais. E hoje, passadas as lutas partidárias, é o neto quem vai homenagear a memória do antagonista de ontem. E arrematou com simplicidade : é muito bonito isso.”

Sim, eu o conheci : era simples, era humilde e era sábio.

De outra feita, preparava-se Sorocaba para os festejos de seu terceiro centenário. Para maior brilhantismo das comemorações, o Prefeito Emerenciano Prestes de Barros convidara para uma conferência o renomado historiador Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil, autor da clássica obra *“História Social do Brasil”*; da recuperação do valor de Pedro I, com a história do *“Rei Cavaleiro”*; do romance *“Casa da Torre”*, retratando na velha Bahia a lenda dos Garcia D’Ávila; do encantador trabalho *“Vida e Amores de Castro Alves”*, celebrando em precioso livro o cantor dos escravos. E Pedro Calmon era muito mais. Em 1938 titulara-se catedrático, por concurso, ensinando *Direito Público e Constitucional* na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Alcançado pelo regime totalitário, que se estabelecera com o Golpe de Estado de 1937, sobrevém a reforma do ensino jurídico pelo Ministro Gustavo Capanema, desdobrando-se a sua cátedra em dois ramos : *Teoria Geral do Estado e Direito Constitucional*. Consultado, Pedro Calmon não tergiversou : que se desse a cadeira de Direito Constitucional, em regime de livre nomeação, a quem se propusesse a ensinar com sujeição aos rumos ideológicos do Estado Novo. Reservava, para si, como catedrático, a opção de ensinar, na cadeira de *Teoria Geral do Estado*, os eternos princípios da liberdade do homem, afirmando : *“O Estado, como organização, é evolutivamente diverso; porém, a Nação é sempre*

igual a si mesma". Pouco antes de vir a Sorocaba, quando o seu *Curso de Teoria Geral do Estado* já alcançava a quarta edição, lança a notável obra *História das Idéias Políticas*, que dedica à mocidade universitária porque, dizia, se elaborava "*o homem novo com os destroços materiais do passado*".

Pois era este gigante da História e do Direito que vinha a Sorocaba. Fui designado para recepcioná-lo, num misto de emoção e timidez, à frente da Prefeitura, na rua Brigadeiro Tobias. Chegou Pedro Calmon no automóvel oficial que o Prefeito Emerenciano colocara à sua disposição, mandando buscá-lo no aeroporto de São Paulo. Subimos ao gabinete municipal, e nem bem se trocaram os cumprimentos protocolares com as autoridades locais, dentre elas o Prefeito, o Presidente da Câmara, o Juiz de Direito, e quantos mais, surpreendeu-me o insigne visitante: "*Desejo visitar Aluísio de Almeida*".

Demandamos à Rua Ruy Barbosa. E o que vi e ouvi foi um deslumbramento. Era Pedro Calmon quem reverenciava a cultura do Padre Castanho. Conversaram. E num grande sacrifício decorrente de seu estado doentio, Padre Castanho resolveu mostrar Sorocaba ao visitante. No automóvel, sentado ao lado do motorista, empenhava-me em não perder uma só palavra dos dois mestres, postados no banco traseiro.

E Padre Castanho passou defronte do Mosteiro de São Bento e contou a Pedro Calmon a história primeva de Sorocaba. Indicou, na esquina da Rua de São Bento com a Rua Barão do Rio Branco, onde fora a Câmara Municipal donde partira o brado de civismo da Revolução de 1842 e onde, por volta de 1700, exercera a vereança o Tenente-Coronel João Antunes Maciel, ao mesmo tempo em que era também vereador na Câmara Municipal de São João D'El Rey, acrescentando com orgulho, ele que era tão modesto, "*assim andava a gente sorocabana!*" Apontou a montante do Rio Sorocaba, a localização da *Casa da Contagem*, nos tempos das feiras majestosas, onde se arrecadava dinheiro para o Marquês de Pombal reconstituir Lisboa. E na Rua Monsenhor João Soares a imponência já decrépita do casarão do Barão de Mogi-Mirim, onde por três vezes se hospedara o Imperador Pedro II. E Padre Castanho falou de Pascoal Moreira, de Miguel Sutil, dos Bartolomeu Bueno, na saga bandeirante; e falou de Ipanema e de Varnhagen, do Gabinete de Leitura e de Mailasky hospedando o Barão de Shreiner, Ministro do Império Austro-Húngaro. E a cada referência histórica era um desenrolar de dados biográficos, de levantamentos genealógicos, de reminiscências

de fatos pitorescos. Pedro Calmon ouvia e, de caneta em punho, anotava numa caderneta as sábias lições que recebia.

E como falou o Padre Castanho. Presenciei o milagre da recuperação de sua voz, já afetada pela doença. Parecia que algo de sobrenatural dominava-lhe os sentidos empobrecidos, tal a emoção de contar a Pedro Calmon as grandezas desta terra que ele tanto amava.

Sim, eu o conheci : era simples, era humilde e era sábio.

Naquela noite, quando se engalanava o salão de festas do Sorocaba Clube, ao iniciar a sua conferência, Pedro Calmon quis retribuir a saudação que lhe fiz em nome de Sorocaba, e então cantou um hino à nossa terra. Disse ele :

“Tenho uma admiração antiga e constante pelas tradições sorocabanas. Conheço, de muito ler e meditar, a história desse torrão; impregnei-me das lições cívicas de seu passado, venero os grandes exemplos patrióticos que este município deu a outras terras do país. E hoje, fui o peregrino de uma romaria, trazendo no meu espírito o incenso e a mirra da adoração ao rever as velhas casas, os bairros históricos e as relíquias ilustres, pois que tudo em Sorocaba recorda as suas heróicas origens”.

E eu ouvia Pedro Calmon como um eco da fala de Padre Castanho, em sua batina rota, seus passos trôpegos e suas mãos deformadas.

Sim, eu o conheci : era simples, era humilde e era sábio.

A sua simplicidade se refletia na forma singela das suas crônicas, que não estão nos seus livros até agora publicados. Evoco uma delas, sob o título de “Os Primeiros Povoadores de Sorocaba”, e que eu me atreveria de batizá-la “Um pé lá, outro aqui”. Principia por lembrar os costumes das matronas paulistas, quando mandavam o pajem ou a mucama levar um recado : *“cuspiam no chão e diziam – um pé lá e outro aqui, antes que seque”*. E ele comenta : *“assim viveram os primeiros povoadores de Sorocaba, andejos bandeirantes, um pé em Minas, outro aqui; um pé em Cuiabá, outro aqui; um pé em Goiás, outro aqui. Era ali mesmo : um pé no Paraguai para Baltazar trazer a esposa, e outro aqui para morar nas cercanis do Lageado; João Antunes Maciel, um pé lá em Minas, no Rio das Mortes, e outro aqui, no Rio Sorocaba. Depois, Pascoal Moreira tinha sua casa em Sorocaba e sua chacrinha em Vacaria, no Mato Grosso. Um pé lá, outro aqui ... E mais tarde, um pé aqui e outro no Guaporé, na vertente amazônica, ou em Montevidéu, ou ainda na Bahia, em Feira de Santana. Mas, faz ele o destaque, podiam estar lá, muito longe, quando morriam, mas queriam ser enterrados*

em Sorocaba. Agora, os dois pés juntos, *sepultados nas igrejas silenciosas como panteons*.

Que graça, na simplicidade em narrar.

Não posso concluir sem registrar uma passagem de sua vida, que ele conta tão singelamente, ao escrever sobre D. Lúcio, Bispo de Botucatu.

Era 21 de novembro de 1921. Sua Excelência Reverendíssima iria ordenar sacerdote aquele que seria, mais tarde, o Vigário Geral de Sorocaba, o Monsenhor Francisco Antonio Cangro, o nosso Padre Chiquinho. Engalana-se a catedral para a solene ordenação. Ocorreu que, alguns dias antes, fora inaugurado, com majestosa missa pontifical, o célebre Colégio dos Anjos onde oficiara o Bispo D. Lúcio. No momento da ordenação sacerdotal, o cerimoniário providenciara, como era seu mister, todos os paramentos do celebrante. Mas esquecera, lá no distante Colégio dos Anjos, as cáligas, isto é, as sandálias especiais que deveriam ser calçadas pelo Bispo. Por mais de meia hora, entre os discretos murmúrios da assistência, atrasou-se a ordenação e sua Excelência Reverendíssima aguardou em silêncio que lhe trouxessem o indispensável complemento das cáligas, sem recriminar o desidioso cerimoniário. E quem era este? O seminarista Luiz Castanho de Almeida ...

Ele era assim. Eu o conheci : era simples, era humilde e era sábio.

Por isso, o nosso ilustre confrade José Aleixo Irmão o chamou : *o manso e humilde irmão Aluísio*.

E, por todos os tempos, sempre foram bem-aventurados os mansos de coração.